



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DIÁLOGOS TRANSOCEÂNICOS: MANUEL LUBAMBO E A DEFESA DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Carlos André Silva de Moura

Doutorando em História na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

E-mail: casmcarlos@yahoo.com.br

Os estudos sobre as relações político-culturais entre Brasil e Portugal estão em sua maioria ligados ao período colonial ou imperial. Percebe-se na historiografia dos dois países que os debates sobre o momento republicano ainda são pouco analisados pelos historiadores. As pesquisas sobre o momento estão ligadas a uma investigação do sistema de governo e as semelhanças e especificidades das ditaduras de Getúlio Vargas e António Oliveira Salazar.

Neste sentido, percebemos a necessidade de um debate sobre as trocas culturais entre intelectuais que mantiveram diálogos no mundo luso-brasileiro após a proclamação da República Portuguesa, em 05 de outubro de 1910. As publicações de periódicos, a organização de centros culturais e os espaços de sociabilidade que prezavam pelo intercâmbio transoceânico demonstram a importância do estudo dessa temática. Várias revistas que circularam na primeira metade do século XX foram importantes para as discussões entre os homens das letras dos dois países. Entre os periódicos, enfatizamos as publicações da revista *Brasil – Portugal*, com participação de intelectuais e religiosos lusitanos e brasileiros, e o jornal *Fronteiras*, de propriedade de Manuel Lubambo, principal defensor das relações político-culturais do Brasil com o país ibérico.

Entre os discursos apresentados nas duas publicações, destacamos as propostas sobre o projeto de Restauração Católica, que ganhou força após as constituições republicanas. A proposta da recatolização difundida por Roma estava baseada na retomada do poder político e civil da Igreja Católica, assim como, a politização das ações do clero. Para os eclesiásticos, era necessária a formação de uma neocristandade que seria guiada por homens “iluminados” pelas palavras divinas e pelo saber (MOURA, 2010).



Percebemos que os debates das publicações aqui destacadas, demonstravam a preocupação com a manutenção do discurso conservador, criticando as ideias da modernidade política, o republicanismo e a separação das relações entre Estado e Igreja. Nesse sentido, algumas propostas buscavam normatizar as práticas sociais dos leitores, sugerindo uma vida baseada na religiosidade.

Para o desenvolvimento de nossas análises, debruçamo-nos sobre as contribuições da Análise do Discurso, pois assim, torna-se possível compreender os motivos da ocorrência de sentido das ideias dos letrados engajados em movimentos autoritários. Por isso, buscamos relacionar a História com a Linguística, analisando os ditos, os não-ditos e os interdiscursos entre os homens das letras nos dois países. Para Dominique Maingueneau, com a “semântica discursiva não pode explicar por que foi tal discurso, e não tal outro, que se constituiu: esse é o trabalho do historiador” (2008, p. 41). Concordando com essa posição, buscamos observar os discursos como lugares de nossa análise. É na relação da História com a Linguística que podemos investigar as bordas, os encontros e desencontros, compreendendo as diferentes figuras desse “leque chinês” chamado História (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 151).

Os trabalhos que se dedicam analisar as relações sociais de homens das letras em um espaço de tempo enfrentam o problema da conceituação da categoria intelectual. Por isso, utilizamos as leituras de Roger Chartier, que destacou a importância da compreensão do momento analisado para tal classificação. Para o autor, as ações dos intelectuais devem ser compreensíveis ao seu tempo, observando a legitimidade entre seus pares (Cf. CHARTIER, 2002). O estudo da História Sociocultural vem a contribuir com nossa compreensão, dialogando com as representações que são atribuídas aos nossos personagens (CHARTIER, 1990, p. 20). É importante lembrarmos que nas primeiras décadas do século XX, os letrados que circulavam na capital pernambucana mantinham uma representação simbólica, um poder a partir de seus discursos e do lugar social que ocupavam. Como exemplo, utilizamos as memórias de Nilo Pereira, que analisando os estudantes e professores da Faculdade de Direito do Recife, relatou que



parte da população da cidade acreditava que os membros da “Casa de Tobias”¹ eram a “medida de todas as coisas na nossa civilização patriarcal” (PEREIRA, 1983, p. 255).

Nesse instante, percebemos o poder simbólico que poderia ser exercido por um membro da Faculdade de Direito. Homem acadêmico, engajado politicamente, desempenhando um poder discursivo sobre a população que os legitimavam. Suas falas também apresentavam dizibilidade devido ao lugar social que ocupava. Em seus discursos, o homem comum era substituído pelo intelectual, que sobre ele estava o símbolo de um poder institucional e acadêmico (Cf. BOURDIEU, 2001). Sergio Miceli destacou que esse era o perfil dos intelectuais dos anos 1920 e 1930, questão muito utilizada pela Igreja Católica, em seu aglutinamento de personagens influentes na sociedade para os discursos de recatolização (MICELI, 1988, p. 37).

Durante as primeiras décadas do século XX, na cidade do Recife, vários pensadores se destacaram na defesa do intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal. Nesse artigo, oferecemos destaque às ações desenvolvidas por Manuel Lubambo, seja durante a defesa do Movimento de Restauração Católica, ou nos diálogos com pensadores lusitanos que influenciaram seu pensamento conservador e defensor de uma política forte e intervencionista.

A Formação do Pensamento Conservador de Manuel Lubambo

Manoel Lubambo, nascido em 13 de setembro de 1903, na cidade de Palmares, era filho de Benvenuto Nascimento Lubambo e Amélia da Costa Lubambo, que ainda no final do século XIX traçaram o caminho das famílias que buscavam a “litoralização”, seguindo o eixo Paulo Afonso (BA), Maceió (AL), Palmares (PE) e Jaboatão dos Guararapes (PE).

Sua formação intelectual ganhou força com a chegada de sua família a Jaboatão dos Guararapes. Na cidade foi matriculado na escola do professor Carvalho, onde vivenciou o ensino religioso durante 8 anos, em contato com leituras que lhe influenciaram. Em 1916 passou a trabalhar no escritório da Great Western, onde

¹ A Faculdade de Direito do Recife também era conhecida como a “Casa de Tobias”, devido as contribuições de Tobias Barreto quando membro da instituição.



conheceu o crítico literário João Vasconcelos, importante para sua vida intelectual, indicando algumas obras sobre a política, cultura e religiosidade do início do século XX (Cf. AZEVEDO, 2006).

Ainda em 1916, Dom Sebastião Leme assumiu a Arquidiocese de Olinda², publicando a Carta Pastoral saudando seus diocesanos. Influenciado pelos recentes estudos em Roma, o eclesiástico destacou a importância da participação dos homens das letras no movimento de Restauração Católica. No documento, o bispo traçou um panorama das questões políticas e sociais daquele momento, demonstrando quais deveriam ser as ações do clero e dos leigos para a retomada da ordem sócio-política. Para Dom Leme, os intelectuais católicos exerciam uma tímida participação nos debates políticos que envolviam as questões nacionais. Em sua Carta Pastoral, defendeu as ações dos religiosos e letrados como os principais meios para a solução da crise, diga-se religiosa, econômica, social e política, frente ao avanço do comunismo no Brasil (LEME, 1916, p. 28).

A busca por novas relações levou Manuel Lubambo a complementar seus estudos na capital pernambucana. A chegada à cidade contribuiu no seu contato com as ideias defendidas por Dom Sebastião Leme, integrando grupos que debatiam sobre a formação de uma neocristandade em Pernambuco. Os acontecimentos religiosos e acadêmicos aqui apresentados entusiasmaram o nosso personagem, traduzidos em ações políticas que refletiam o espírito dos intelectuais de direita nas décadas de 1920 e 1930.

Defensor do pensamento autoritário e simpático as ideias aos movimentos de massa que mantiveram atividades em Pernambuco, Manoel Lubambo guardou particularidades que nos chamaram atenção. Em seus discursos, apoiou as propostas de retomada das relações monárquicas entre Brasil e Portugal, por acreditar que esse período foi o momento de maior desenvolvimento econômico, político e social do país. Seus textos destacavam a necessidade de se conhecer as origens do povo brasileiro, buscando a reorganização social do país.

² O Papa Inocêncio XI, pela Bula *Ad sacram Beati Petri sedem* de 16 de novembro de 1676, elevou Olinda como diocese. Em 05 de dezembro de 1910 foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana pelo Decreto da Sagrada Congregação Consistorial. Pela Bula *Cum urbs Recife* do Papa Bento XV de 26 de julho de 1918, passou a denominar-se Arquidiocese de Olinda e Recife. Por isso, nesse momento nos utilizamos do termo Arquidiocese de Olinda.



Influenciado pelos escritos de Sílvio Romero, Alexandre Pope, Tristão de Ataíde, Tobias Barreto, Charles Maurras e Antônio Sardinha, Manoel Lubambo se destacou no trabalho com a imprensa que defendia as relações corporativistas, coloniais e as características medievais para as nações que buscavam a formação de uma identidade religiosa (AZEVEDO, 2066, p. 52). Em seu primeiro texto publicado na *Revista do Norte*, o intelectual realizou questionamentos sobre o conceito de povo brasileiro, a exemplo do que era observado em outras nações como Espanha, Inglaterra e México. Também afirmou que o brasileiro ainda necessitava da formação cultural e social, destacando a inexistência de “um espírito ou uma physionomia caracteristicamente nossa [...]” (LUBAMBO, 1926, p. 31).

Com o projeto de reconstrução das práticas culturais e políticas no Brasil, Manuel Lubambo publicou suas ideias defendendo o passado colonial brasileiro. Para o autor, o principal exemplo de arte a ser seguido equivalia ao barroco, por expressar o germe da cultura brasileira sobre influência de Portugal:

O Brasil colonial – na uniformidade de linhas de sua architectura, na cor da sua religião, no seu espírito ancioso de emancipação, no rythmo todo de sua vida – parece que possuía qualidades mais fortes de nação do que este pobre e mutilado Brasil de hoje. [...] Independencia politica não dá feição a povo nenhum. E há certos povos, privados de liberdade [...] que merecem mais honestamente foros de cidadania do que outros que possuem hymnos, exercitos, armadas, berrantes cores nacionaes, mas não possuem character (LUBAMBO, 1926, p. 31).

Analisando os discursos de Manuel Lubambo, percebemos a afirmação que o Brasil tinha perdido a nacionalidade após a independência e a implantação do sistema republicano. Para o pensador, as ações de recatolização deveriam seguir os modelos portugueses, pois assim, seria possível o retorno das afinidades entre os dois países, retomando a identidade do povo forte e virtuoso. Os intelectuais que compartilhavam com as propostas de Manoel Lubambo eram classificados pelos modernistas como passadistas, por estarem ligados às ideias que “não faziam mais sentido” no país.



A simpatia do letrado pelo passado colonial despertou admiradores em Portugal. Durante a sua trajetória, Manoel Lubambo manteve afinidades com as propostas do líder político-religioso Antônio Sardinha. Editor do jornal *Fronteiras*, em vários artigos demonstrou entusiasmo com o sistema monárquico português e pelo Movimento Integralista Lusitano, liderado por Antônio Sardinha. Defensor da Monarquia de Dom Afonso II, a qual tinha como base os “Braços do Reino, o clero, a nobreza, o povo” (AZEVEDO, 2006, p. 53), pilares de um governo forte e de manutenção tradicional, o jornal *Fronteiras* trazia notícias diárias sobre o cotidiano da “Família Real Portuguesa e do Brasil”.

Além de Antônio Sardinha, Manoel Lubambo manteve diálogos com Luís de Almeida Braga, Hipólito Raposo, Alberto Monsaraz e Fernando Campos, defensores do tradicionalismo e o corporativismo no país lusitano. À medida que a política na 1ª República Portuguesa se fortalecia, movimentos político-religiosos ganharam força, surgindo grupos em instituições de Coimbra, Porto e Lisboa, que reivindicavam soluções para as problemáticas sociais que se alastravam desde o final do século XIX (HOMEM, 2007, p. 419).

As notícias da República portuguesa circulavam no Recife, animando os defensores das novas ideias e alertando os homens das letras que defendiam as relações monárquicas por sua proximidade com a Igreja. A revista *Brasil-Portugal* foi um dos periódicos que divulgavam os movimentos políticos na Península Ibérica. Após 05 de outubro de 1910, o periódico passou a publicar textos criticando o sistema político recém implantado no país. Na edição de março de 1914, foi divulgada a anistia de alguns defensores da Monarquia portuguesa. Para os editores:

Emfim! Alguma cousa agradável tenho hoje a registrar nas columnas d’esta Revista. É que o dia 22 do corrente foi de alegria em muitos lares portuguezes. Abriram-se, finalmente, as prisões, soltaram-se os presos políticos, está, emfim, em liberdade uma grande parte da melhor gente de Portugal, d’aquella que, dentro dos princípios políticos que professa, mais se interessa pelo bem-estar da pátria, da que é mais capaz de lutar, de soffrer, de se sacrificar por um ideal a cuja sombra a terra portugueza se desenvolveu, prosperou e attingiu o apogeu das maiores glorias. Foi muito longe no



caminho das perseguições o actual regime [República]; tão longe que, quando os seus mais obscuros, mas também mais dedicados defensores perceberam que tinham sido enganados por uma rhetorica leviana, balofa e cruel, onde abundava o epitheto de *traidor* applicado áquelles que batalharam por um ideal político e entre os quaes havia muitos que em defeza da pátria mais de uma vez tinham arriscado a vida [...] (BRASIL – PORTUGAL, 1914, p. 34)

Com a colaboração efetiva do Padre Álvares de Almeida e dos intelectuais Antonio do Valle e Sousa, Cunha Bellem, Severim de Azevedo, Ferreira Mendes, Jorge de Menezes, Nunes de Freitas e Maria O’neilt, o periódico foi referência para os letrados conservadores no Recife. Circulando na capital pernambucana entre o final do século XIX e a década de 1930, Manoel Lubambo foi seu assíduo leitor, utilizando algumas de suas ideias nas publicações das quais participava.

Percebemos que os periódicos conservadores indicavam as leituras que poderia ser realizadas pela população. Para os editores, esse “cuidado” com as práticas cotidianas estava baseado no projeto de formação da neocrisandade, que não poderia ser contaminada com textos “perigosos”.

Na edição de agosto de 1938, o jornal *Fronteiras* publicou artigo que defendia o controle dos intelectuais nas trocas culturais entre Brasil e Portugal. Inicialmente o texto relata a importância do intercâmbio cultural entre os dois países, destacando o número de obras literárias e jornais que circulavam nos centros culturais luso-brasileiros. No entanto, é destacado o cuidado que deveria se tomar com as obras de influências marxistas, que estavam ganhando força e “contaminando” as discussões intelectuais e da população. Com isso, Augusto Costa afirmou que o “intercambio cultural está a fazer-se, sim, mas entre escritores inimigos da civilização portuguesa, que são também inimigos da civilização brasileira.” O texto continua destacando que os brasileiros necessitam conhecer os autores portugueses nacionalistas:

[...] não ‘bolchevistas por dandismo intelectual’ como António Sardinha classificava certos moços espanhóis ai por 1919 [...] Não é possível que Brasil e Portugal se vejam de tão longe, indiferentes, quando tantas coisas os confundem. Precisamos é sair dos taes intercambio de discursos e entrar



naquela cooperação que traçou planos Gilberto Freyre, porque, como disse o mestre da CASA GRADE & SENZALA: os homens das gerações mais novas, aqui como de lá, sabem que, ao lado das pátrias políticas, existe esta realidade innegável: a unidade cultural luso-brasileira ou luso-afro-asiatico-brasileira.

Não é possível que abjectos insultadores da família, da religião e da cultura luso-brasileira, como os srs. Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Olivio Montenegro e seus sectários continuem impunemente na sua obra deletéria, devido á indiferença e á preguiça de reação das classes cultas do Brasil e de Portugal. Que um herético insultador da S.S. Virgem, da Igreja Católica, da Família Portuguêsa e Brasileira, possa ter guarida em terras de Portugal, parece inadmissível (COSTA, 1938, p. 03).

Percebe-se que o intercâmbio cultural entre os intelectuais no Recife e em Portugal era defendido a partir da ordem religiosa e das práticas conservadoras. Os debates luso-brasileiros defendidos por Manuel Lubambo buscavam restaurar os pilares da Igreja Católica, mantendo o discurso nacionalista baseado em Deus (Religiosidade), Pátria (Ordem) e Família (moral).

Em outras publicações do Recife, também eram divulgadas as notícias sobre a crise econômica portuguesa. Nos primeiros meses de 1917, o *Diario de Pernambuco* noticiou informações sobre a falta de cereais no país ibérico, destacando as conturbadas relações entre a população e o governo republicano. Em 22 de maio de 1917, o jornal trouxe reportagens sobre os movimentos de manifestantes à busca de alimentos. A edição enfatizou que os “populares assaltaram [...] as padarias de mecenas, causando danos avultados” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1917, p. 01). Com a falta de alimentos, setores organizados reivindicavam soluções governamentais, a exemplo dos operários da construção civil, que no dia 15 de julho entraram “em greve reclamando o aumento de 70% nos seus salários” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1917, p. 01a), como uma tentativa de melhorar as condições sociais.

Em momentos de crises, a fé se apresenta como aglutinadora do sentimento de esperança. Os ensinamentos católicos traduzem a necessidade dos homens de se apegarem às palavras divinas, com o objetivo de reverter períodos conturbados. A crise político-social em Portugal já se alongava desde o final do século XIX, atingindo seu



auge durante os anos de 1910. Nesse instante, as aparições de Nossa Senhora de Fátima às crianças Lúcia, Francisco e Jacinta trouxeram novas expectativa para aqueles que sofriam com a falta de cereais, o medo pela expansão das ideias comunistas e o mundo em guerra.

As aparições da Santa, revelada em 13 de maio de 1917, representava a reafirmação religiosa dos portugueses, contrária à “desordem” política daquele momento, muitas vezes traduzidas pelos conservadores no sistema republicano. Tais discursos se apresentaram como solução para a crise em Portugal, com propostas de pensadores que se legitimavam na formação de ideias para o fim dos problemas sociais. Para Pierre Bourdieu, as falas autoritárias dos representantes da Igreja refletem sua ação por impor o “reconhecimento do seu monopólio”, assumindo assim, a autoridade de traçar os caminhos para a salvação daqueles que a seguissem (BOURDIEU, 2001, p. 58). Nesse sentido, as aparições de Nossa Senhora de Fátima podem ser compreendidas como a necessidade de novas perspectivas para as crises finissecular, que também se alastraram nas primeiras décadas do século XX no país lusitano.

No Recife as homenagens a Nossa Senhora de Fátima se fortaleceram com a construção do seu primeiro santuário. Edificado em 1935, no espaço do Colégio Nóbrega dos Jesuítas, lugar onde a intelectualidade conservadora se reunia para os cultos católicos. O espaço de ensino também era referência na capital pernambucana. Seus professores e estudantes mantinham a circulação do jornal doutrinário *A Voz do Nóbrega*, estimulando o diálogo entre os membros da União Católica dos Militares e as Congregações Marianas do Recife (AZEVEDO, 2006, p. 55) contra as ideias comunistas.

Os textos do periódico discutiam a promoção da ordem no país. Refletindo sobre as alternativas para impedir a desordem e o avanço do comunismo, o jornal realizou uma avaliação sobre os perigos da “doutrina vermelha”. Segundo Moacir Coutinho, para que os agitos da “Intentona comunista” de 1935³ não retornassem ao país, era

³ Intentona comunista foi uma nomenclatura utilizada pelos opositores do comunismo para classificar a tentativa de “Revolução” em 1935. Intentona significa plano insensato, ataque imprevisto, são classificações presentes nos discursos dos letrados direitistas. Giselda Brito Silva realizou uma análise sobre a utilização da palavra intentona ou *Putsch* durante as tentativas de ataque comunista e integralista.



necessária a vigilância constante dos homens comprometidos com os valores divinos, pois o país não poderia novamente “amargar” as ameaças sofridas naquele ano. Apenas com a proteção do “todo Poderoso [...], descobrimos nele a cruz sagrada, que quiz assim demonstrar que o Brasil é cristão, confirmando a acertada expressão de um jornalista: ‘O Brasil foi conquistado para Cristo e será de Cristo’. Deus, salvará pois esta grandiosa terra que desde o seu nascimento a Ele pertence” (COUTINHO, 1937, p. 05).

A expulsão dos jesuítas do país ibérico após a Proclamação da República contribuiu para a difusão da religiosidade portuguesa no Recife. Em 1910, membros da Companhia de Jesus se exilaram na cidade, haja vista que já mantinham diálogos com religiosos e intelectuais brasileiros. No entanto, quando aqui chegaram, encontraram características religiosas diferenciadas, havendo a militância dos eclesiásticos para restaurar a antiga ordem sócio-religiosa colonial (AZEVEDO, 1986, p. 13a). O culto a Nossa Senhora de Fátima, assim como, o Colégio Nóbrega e posteriormente a Faculdade de Filosofia Manuel da Nóbrega são exemplos dos resultados dos debates entre portugueses e brasileiros na cidade do Recife.

No interior de Pernambuco o culto à Fátima também esteve presente. No Engenho Aruaé, em Goiana, a imagem da Santa faz referência ao sentimento que a população tinha no combate ao comunismo. É interessante lembrarmos que na região se concentravam as terras dos principais nomes da política conservadora do Estado, reafirmando a relação do político com o religioso nos discursos conservadores do início do século XX.



a também foi utilizada para classificar as ações do grupo Guanabara em 1938. (Cf. SILVA, 2002).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Imagem de Nossa Senhora de Fátima na Capela do Engenho Aruaé. No quadro consta a inscrição “Nossa Senhora de Fátima livrai o Brasil do Comunismo.”

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Colaborando com a formação e difusão do pensamento conservador, Manoel Lubambo se utilizou da proximidade com o jornalismo para divulgar suas ideias. Entre suas atividades, destacou-se no meio intelectual com o jornal *Fronteiras*, que contava com a colaboração de Vicente do Rego Monteiro. Sendo considerado o verdadeiro jornal da direita, *Fronteiras* refletia o espírito dos intelectuais à brasileira, homens das letras, ligados ao jornalismo, engajados na política e defensores de uma ordem social cristã (Cf. MICELI, 2001a).

Em entrevista sobre o retorno da circulação do periódico em 1936, Lubambo destacou a validade da circulação de um jornal de “programma decisivo de combate ao extremismo e de defesa orthodoxa das idéas da direita”. Para o pensador:

Que pretende *Fronteiras*? Apenas isto: ser um vehiculo das idéas de direita. Como sabe, não temos nenhum authenticico jornal de direita, em Pernambuco. Dos que se reclamam das nossas idéas, uns se annullam, sob o peso das conveniências pessoaes, ou, para repetir a expressão de Leão XIII, da “sabedoria da carne”, outros, sem independencia material, vivem ao sabor dos seus financiadores, ostentando sobre as idéas e os homens as opiniões mais descompassadas. [...] Orgão das direitas, o primeiro trabalho de *Fronteiras* será o de concorrer para o saneamento das idéas. Sobre a necessidade desse trabalho creio que não haverá duas opiniões. Para repetir a velhíssima verdade, é preciso dizer que no começo está o verbo. “Quereis refazer um Estado ou restaurar uma nação?” [...] Agindo sobre as idéas, queremos pôr em circulação velhas noções experimentadas pelo tempo: ordem, hierarchia, auctoridade, nação, a legitimidade dos bens de fortuna, a sacralidade da família (LUBAMBO, 1936, p. 10a).



A sacralização da política foi um dos principais discursos defendidos por Manoel Lubambo. Integrante da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, uma das exigências para compor o governo de Agamenon Magalhães, Lubambo foi indicado a controlar a pasta da Secretaria da Fazenda. O Estado Novo colaborou com a ascensão política dos pensadores que defendiam as afinidades do político com o religioso, haja vista, os discursos do combate a desordem a partir da religiosidade. No entanto, insatisfeito com o desenrolar do movimento de combate aos mocambos, entregou o cargo por não se identificar com as mudanças na forma de governo. Descontente com o desenrolar da política pernambucana, o intelectual passou a dialogar com o Estado Novo de Alberto Salazar em Portugal. Com a propaganda de uma política forte e de afinidades com a Igreja Católica, Lubambo identificou no governo ibérico as necessidades políticas que defendia em Pernambuco, tendo como particularidade suas defesas monárquicas.

A sua admiração pela política portuguesa, leva-o a participar de várias conferências no Gabinete Português de Leitura do Recife, mantendo amizade com Manuel Anselmo, cônsul lusitano em Pernambuco. Sua relação com os intelectuais lhe rendeu o convite para compor a administração lusitana. No entanto, doente, faleceu no Real Hospital Português de Beneficência do Recife em 1943, antes de realizar a viagem para assumir o cargo.

Manoel Lubambo foi uma das principais representatividades do pensamento autoritário no Brasil, enxergando nos discursos dos monarquistas portugueses a solução para a crise política no país. Com sua contribuição, as ideias do Movimento Integralista Lusitano circularam entre os leitores do jornal *Fronteiras* e em outros periódicos, colaborando com algumas propostas dos militantes da Ação Integralista Brasileira em Pernambuco.

A defesa das trocas culturais entre Brasil e Portugal ganhou força com o aumento da migração portuguesa no Brasil. Para Douglas Mansur, a língua em comum e as redes sociais cooperaram com a o intercâmbio no mundo luso-brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Analisando as cidades de São Paulo e Recife, o antropólogo observou que os debates intelectuais se ampliaram em várias áreas, sobretudo os que buscavam as afinidades da política com a religião. Na capital



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pernambucana se concentraram os pensadores das áreas de Literatura, Jornalismo, História e Artes Plásticas, refletindo sobre a reafirmação católica nos dois países (SILVA, 2007, p. 19, 76).

A parceria de Manuel Lubambo com pensadores portugueses, assim como a divulgação da cultura lusitana no jornal *Fronteiras*, foi fundamental para o fortalecimento dos diálogos transoceânicos no Recife das primeiras décadas do século XX. Dos debates destacados nesse artigo, percebemos algumas trocas culturais entre portugueses e pensadores na capital pernambucana que demonstram o importante intercâmbio entre os homens das letras, fundamentais para compreendermos parte das relações internacionais entre Brasil e Portugal.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.

AZAVEDO, Ferdinand. **Resgatando a Vida e as Obras de Manoel da Costa Lubambo**. Recife: FASA, 2006.

_____. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911 – 1936**. Recife: FASA, 1986a.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HOMEM, Amadeu Carvalho *et. al.* (Org.) **Progresso e Religião: a república no Brasil e em Portugal (1889 – 1910)**. Coimbra: EDUFU, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MICELI, Sergio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Intelectuais à Brasileira**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2001a.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 – 1937)**. 2010. 161 p. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, 2010.

PEREIRA, Nilo. **Pernambucanidade**. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, V. 1. 1983.

SILVA, Douglas Mansur. **Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil: formação e transferência cultural, século XX**. 2007. 335 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da Suspeição Contra a Força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco**. 2002, 277 p. Tese (Doutorado em História) UFPE/CFCH, Recife, 2002.

Fontes

A crise econômica em Portugal. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 01, 22 mai. 1917.

Agitação operaria em Portugal. **Diário de Pernambuco**, p. 01, 16 jul. 1917a.

COSTA, Augusto da. Intercambio Luso-brasileiro. **Fronteiras**, p. 03, ago. 1938.

COUTINHO, Moacir. Em defesa da Ordem. **A voz do Nóbrega**, Recife, p. 05, 31 out. 1937.

LEME, Dom Sebastião. **Carta Pastoral Saudando a sua Archidiocese**. Petrópolis: Typ. Vozes de Petrópolis, 1916.

LUBAMBO, Manoel. Caracter. **Revista do Norte**, Recife, p. 31, n° 02, ago. 1926.

_____. Fronteiras é o Jornal dos Intelectuais da Direita. **Fronteiras**, Recife, p. 10, jan. 1936a.

Notas da Quinzena. **Brasil-Portugal**, Lisboa, p. 34, n° 363, 01 mar. 1914.